ANNO 8.º — Sexta-feira, 13 de Agosto de 1915 — NUMERO 383

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Emprêsa

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

DR. BERNARDINO MACHADO

E' eleito por 134 votos terceiro presidente da Republica Portuguêsa

Está eleito presidente da Republica o sr. dr. Bernardino Machado, a quem o Congresso elevou, como tudo fazia prever, ao mais alto cargo a que pódem ascender os homens de inteligencia e de caracter numa democracia como a nossa.

Saudâmo-lo.

O sr. dr. Bernardino Machado possue todos os requesitos para exercer, com a maior superioridade, as funções de que se acha investido. Conhece bem o país, é inteligentissimo, muito culto e quanto á sua vida politica o seu passado de republicano e liberal garante um futuro que cértamente o novo chefe da nação hade querer honrar, conduzindo-se por fórma a recolher as simpatías e a confiança do país, que nele tem os olhos fitos como uma esperança depois da lição rematada em 14 de Maio com todas as logicas consequencias que duma revolta sempre advem.

E' tempo de acabarem as dissenções entre os republicanos e de se removerem as ruinas que por toda a parte estão espalhadas para em vez delas aparecer a ordem, o respeito mutuo, como indispensavel ao engrandecimento da Patria e prestigio das instituições. E o sr. dr. Bernardino Machado está nos casos de encetar essa obra de pacificação para a qual será necessário dedicação e presistencia, que não lhe faltam, pois é dos poucos homens que temos visto com essas qualidades, aquele que melhores condições reune para efectivar aquilo porque anceiam todos os sincéros democratas, membros da grande familia que fez o 5 de Outubro para elevar Portugal, depois de o terem arrancado das garras dos sicarios prestes a estrangula-lo.

Faça isso o novo presidente da Republica, inicie assim o seu governo, mantenha acima das paixões politicas a purêsa da Constituição, véle pelos principios que constituem a base sobre que assenta o regimen, coloque a justiça ao lado da verdade, a nobrêsa ao lado da razão, e verá, verá o grande e inconfundivel republicano, que daqui a pouco mais dum mez vamos ter por chefe de Estado, o quanto lhe será facil desempenhar-se da missão que o Congresso lhe impoz, escolhendo-o para supremo representante da Patria e da Republica.

* * *

O sr. dr. Bernardino Machado foi eleito por 134 votos no terceiro escrutinio e teve por competidores os srs. Guerra Junqueiro, Correia Barreto e Duarte Leite. Destes, o primeiro obteve 33 votos, o segundo 44 e o terceiro 20 enquanto o sr. Bernardino Machado conseguia 71 no escrutinio inicial da eleição. No segundo escrutinio coube 30 votos ao sr. Guerra Junqueiro, 45 ao sr. Correia Barreto e 19 ao sr. Duarte Leite. Por fim disputam a eleição os dois candidatos mais votados, saíndo vitorioso o sr. Bernardino Machado visto ao seu antagonista terem sido contados apenas 18 votos dos dissidentes democraticos.

Notas biograficas

Bernardino Luiz Machado Guimarães, filho de Antonio Luiz Machado Guimarães e de D. Praxedes de Souza Ribeiro (primeiros barões de Joane) nasceu no Rio de Janeiro em 28 de março de 1851. Aos oito anos veiu com seus paes para Portugal, fixando residencia no Porto onde principiou a estudar, como interno, no Colegio Potesta. Aos 15 anos tinha concluido o curso de humanidades em que teve como condiscipulos, entre outros, Teixeira de Queiroz e Joaquim Urbano da Costa Rodrigues. Na Universidade, onde foi o estudante mais querido da academia do seu tempo, Bernardino Machado teve por contemporaneos ou condispulos, entre outros, Hintze Ribeiro, Junqueiro, Alves da Veiga, Gonçalves Crespo, João Penha—que na redacção de *A Folha* reunia em amistosa camaradagem o que havia de melhor na academia de então—e, particularmente, no curso de filosofia, em que doutorou, Augusto Fuschini, Antonio Maria de Sena, que mais tarde foi director do hospital Conde Ferreira, Daniel de Matos, etc. Doutorando-se em 28 de fevereiro de 1876, Bernardino Machado foi nomeado professor substituto da Universidade, cabendo-lhe, depois, ao ser recebido como catedratico, a cadeira de agricultura. Quando foi nomeado vogal presidente das comissões de exames das circunscrições do centro e do norte do país, Bernardino Machado começou a consagrar-se com grande afinco aos trabalhos educativos. Deputado, pela primeira vez, por Lamego, de 1882 a 1884, por votação de todos os partidos, e, depois, de 1884 a 1886, por Coimbra, Bernardino Machado afirma na Camara, desde a sua estreia, a sua inconfuudivel individualidade, impondo-se á consideração de todos pela elevação com que versava todos os assuntos, pela sua cultura moderna, pela sua elegancia e pelo seu *charme*. Como vogal das comissões parlamentares interveio na reforma da Carta Constitucional e da lei eleitoral em 1884. Quando se discutiu a hereditariedade do pariato, Bernardino Machado foi o unico que votou contra ela, inclusivé para os filhos dos pares então existentes.

A sua campanha, então, foi admiravel, demonstrando Bernardino Machado—que teve de arcar com o grande Fontes Pereira de Melo—a energia juvenil do seu temperamento combativo e os seus notaveis dotes de inteligencia e sagacidade. Como vogal do Conselho Superior de Instrucção Publica tambem Bernardino Machado vincou duma fórma indelevel os seus altissimos merecimentos. No estrangeiro, por onde, durante cinco anos, viajou, travou relações com sumidades como D. Francisco Giner, sendo nomeado presidente da *Sociedad Libre de Enseñanza*. Na Camara dos Pares, onde representou os estabelecimentos de ensino, Bernardino Machado fez uma brilhantissima campanha de oposição á politica de Dias Ferreira. Entrando para o ministério que sucedeu ao daquele homem publico, e de que faziam parte Fuschini e Neves Ferreira, Bernardino Machado tomou conta da pasta das obras publicas. Incompatibilizando-se com o espirito anti-liberal que se apossou do gabinete, Bernardino Machado abandonou-o juntamente com o seu grande amigo Augusto Fuschini. Apesar de curta, a sua passagem ficou assinalada por uma obra de carinhosa assistencia aos humildes—pois foi o ilustre estadista quem regulamentou o trabalho das mulheres e menores nas fabricas e criou as bolsas de trabalho. Quando, tempos depois, Bernardino Machado, já completamente desiludido da monarquia, foi de Coimbra fazer no Ateneu Comercial de Lisboa a sua profissão de fé republicana, todos os crentes do ideal a que o ilustre politico vinha trazer o seu concurso o receberam efusivamente. E' que Bernardino Machado tinha-se imposto durante toda a sua vida, quer como professor, quer como politico, como uma criatura de superior cerebração e como um irrepreensivel homem de bem. O que ele fez, depois, sabem-no todos. Com uma actividade prodigiosa, juvenilissima, Bernardino Machado multiplica-se, exercendo uma intensa campanha de evangelisação democratica, escrevendo e, sobretudo, conferenciando. Em Coimbra o influxo da orientação liberal do ilustre catedratico exerce-se fortemente. O discurso que proferiu na inauguração do Centro Academico Republicano é, sobretudo, notabilissimo como expressão e expoente do seu incomparavel prestigio intelectual e moral.

Dentro do Partido Republicano a acção de Bernardino Machado afirma-se prodigiosamente, quer vivificando com os seus incitamentos a propaganda resgatadora, quer, com a sua autoridade, dando coesão aos elementos que o compunham. A sua silhuêta adquire um recorte inconfundivel. A sua palavra é escutada, até pelos adversarios, com profundo respeito e o povo, sobretudo, acarinha-o vivamente. O jornalista espanhol que lhe profetizou num livro de entrevistas, que corre mundo, a presidencia da Republica, cujo proximo advento tambem assegurava, não fez mais do que dar expressão afirmativa a um unanime designio publico que, com uma instituição cuja justeza já não é necessario acentuar, via nele todos os predicados indispensaveis ao chefe dum Estado que a vontade nacional queria republicano. Proclamada a Republica, Bernardino Machado é chamado a fazer parte do governo provisorio. O que ele fez na gerencia da pasta dos negocios estrangeiros nesse momento melindroso da nossa vida politica não foi mais do que confirmar a sua reputação de verdadeiro homem de Estado, de finissimo diplomata e de fervoroso patriota. O homem que, como professor, soube defender o prestigio da academia ultrajada por um governo reaccionario e violento, soube tambem, quando lhe estava a cargo a defêsa do país o das novas instituições perante o mundo, captar para ele e para elas uma corrente afectuosa que muito contribuiu para a consolidação do regimen. Cheio de prestigio, Bernardino Machado prestou, depois, novos e relevantes serviços ao país. No Brazil, para onde foi nomeado embaixador e, mais tarde, no governo, quando sucedeu ao gabinete Afonso Costa, Bernardino Machado manteve-se fiel ás suas tradições civicas, pondo em defêsa das instituições republicanas o seu talento e a sua dedicação.

APOTEOSE

Atingiu extraordinarias proporções a manifestação de domingo, em Lisboa, ao sr. dr. Afonso Costa, na qual tomaram parte mais de mil excursionistas portuenses, que aqui passaram em comboio especial depois das 11 horas.

Calcula-se num numero superior a trinta mil as pessoas que nesse dia saudaram jubilosamente o eminentissimo homem de Estado, ovacionando-o com delirio em frente á sua habitação e significando-lhe por meio de mensagens, várias colectividades, o quanto o país se sente animado por o vêr triunfar da doença a que deu origem o desastre que lhe ía arrancando a vida.

De Aveiro acompanharam tambem os excursionistas portuenses, os nossos amigos João da Cruz Bento, José Marques Soares, Antonio Vilar, Luiz Leitão, Francisco Pereira Melo, José Rodrigues Jeronimo, Manuel Graça Paula e José Migueis Picado, todos admiradores de Afonso Costa e que deliberaram ir pessoalmente assistir á apoteose do glorioso republicano.

Os prisioneiros de Naulila

São esperados dentro em bréve a bordo do *Africa* o bravo tenente Aragão e os seus companheiros, que tanto se distinguiram no combate entre as nossas e as forças alemãs, ao sul de Angola, e a acção do general Botha poude libertar depois da derrota infligida aos subditos do Kaiser.

A cidade de Lisboa prepara-lhes condigna recepção.

Gréve

Abandonou o trabalho a classe grafica do Porto, não se publicando por esse motivo os jornaes daquela cidade desde quarta-feira.

Films...

Até na Guarda

A' pergunta aqui feita no penultimo numero sobre se na Guarda tambem existem *bichêsas*, responde-nos de lá o nosso presado coléga *O Combate*:

Ora, se existem! E' uma raça que prolifera por toda a parte, como os reptis, com mais ou menos veneno...

Teremos então de estudar o processo de a extinguir. A menos que a Republica se julgue feliz vivendo no meio déla.

O fado... realista

Mario Monteiro é aquele advogado que ha tempo saíu de Lisboa por se achar implicado nos movimentos restauracionistas e que os nossos leitores indubitavelmente conhecem por terem ouvido falar num pasquim que ele publicava com o titulo de *Alvorada*, especie de cano de esgoto onde ficou assinalado o *talento* do bisborrias, antes de partir para o Brazil. Pois receberam-se agora novas dele. Anda, acompanhado da actriz-cantora Albertina Rodrigues e dum professor de guitarra, percorrendo várias terras de Santa Cruz onde faz conferencias sobre Portugal, como secretário da *Revista da Semana*, nos intervalos das canções e fados com que os artistas mimoseam o publico.

Conferencias em verso, está claro. Visto que doutra fórma as não podia harmonisar com as notas do *choradinho*...

O que é a mulher

Segundo Hugo Capeto, a mulher que foi a perdição para pae Adão, para Sanção a morte e para Salomão uma vingança, é para o medico um corpo, para o juiz uma ré, para o pintor um modêlo, para o são uma enfermidade, para o romantico uma heroina, para o menino um cólo, para o noivo um desejo, para o viuvo um arranjo, para o rico uma ameaça, para o joven um pesadelo, para o velho uma inimiga, para o diabo um agente e para o mundo uma força.

Como quer que seja que Hugo Capeto se esquecesse de dizer *o* resto, vem um coléga nosso e pergunta: *E o que será éla para o casado?*...

Pois o que hade ser: um terrivel flagêlo, principalmente quando anda com a pulga na orelha...

Agora é cérto

Dizem de Roma que o pontifice ordenou á tropa eclesiastica que apanhe e guarde todos os bocados de metal que encontre, mesmo provenientes de estilhaços de bombas lançadas pelos aeroplanos austriacos, pois com eles tenciona mandar construir lampadas que aluniem a Virgem do Lorêto e as novas préces que vão ser dirigidas a Deus pela paz.

Têve boa ideia Benedito XV. Porque se não fôra assim nunca mais acabava o *arraial* de porrada em que se acham envolvidas as nações da Europa...

Acudindo

A *Alma Popular*, novel coléga de Sever do Vouga, agoniou-se por termos aludido ao juiz de Albergaria, que se entretem, nas horas vagas, pelas egrejas a dar o risco para as ornamentações, a azul e branco, do altar da Virgem e vae de aí chama-nos *irrequieto jornal que se publica em Aveiro*, classificação que muito nos apraz registar pela sua originalidade.

Já lá viram? E nós a supôrmos que irrequietos só os rapazes...

Carta

Do sr. padre Ferreira Gomes, advogado, professor do liceu e cotado membro do partido evolucionista local, recebemos a seguinte, que textualmente reproduzimos:

Aveiro, 9 | 8 | 915

Cidadão Redactor do *Democrata*

Chamam-me a atenção para um artigo do seu jornal em que se fazem alusões várias á minha humilde pessoa, atribuindo-me a paternidade de um escrito qualquer sobre Misericordia.

Não me magoou a censura, apezar de vitima inocente, porque tenho, felizmente, as *costas largas*, e posso aguentar com as minhas culpas e alheias.

Mas o que não estou disposto é a ser *bombo de festa*, na imprensa aveirense, onde não tenho nem quero ter responsabilidades.

A minha colaboração para o *Progresso* limita-se a raros artigos de fundo, e mesmo esses ha mais de 15 dias que os não escrevo.

Portanto já V. vê que tem de rectificar a pontaria do seu *terrivel canhão 42*, felizmente agora reduzido a peça de *menos calibre*, sob pena de perder ingloriamente *as munições!*

Não sei mesmo com V. lhe podésse atribuir o artigo do *tal—incenso aos cardumes*—artigo que eu nem sequer li, senão agora, depois de para ele e para a resposta me chamarem a atenção.

Foi talvez por o *incenso* me cheirar a sacristia?!

Mas, francamente, tambem póde ser um produto farmaceutico!

De resto a frase—*incenso aos cardumes*—que V. transcreveu, devia-o prevenir de que, partindo de sacristia, não está acima do *enxota-cães*...

De *padre* é que não podia ser!

Atribui-la á minha *bojuda* pessoa, é *falta de vista*, ou propositada *má fé*. No primeiro caso, peço-lhe que rectifique a alça *do seu morteiro*, para não errar o alvo, como repetidas vezes lhe está sucedendo; no segundo, resta-me morrer *como martir*, na posição de S. Francisco, pois doutra fórma não lhe posso responder.

Lá polémica jornalistica e de mais a mais a proposito de questões locaes, que não conheço, nem quero conhecer, é que não!

Esteja V. descançado.

Saude e fraternidade lhe deseja o

De V.
talassico admirador
João F.ª Gomes

Um simples dever de lealdade, a que nunca fugimos, naturalmente implica a obrigação de publicarmos a carta que acaba de lêr-se.

O que dela logicamente resalta é que o seu autor repudía, não só a paternidade do *esplendido argumento* que o orgão evolucionista estampou a proposito de quanto escrevemos sobre o grande melhoramento proveniente da mudança do hospital, como tambem enfileira comnosco na analise merecida e feita á réles catilinaria do cretino rabiscador do papelucho, com *incenso aos cardumes* e tudo...

Mas... se errámos o alvo, como afirma o sr. Ferreira Gomes, esse erro só demonstra o gráu de desordem e o desregrado sistêma em que vivem os inspiradores da microscopica gazeta, onde qualquer despeja, com a maior irresponsabilidade e ofensa ás mais simples regras gramaticaes, tudo quanto ao seu bestunto, pobre e aleijado, possa acudir.

Que saibâmos, a pessoa de maior categoría mental que espevita aquela torcida *progressista* é o sr. Ferreira Gomes. Pelo menos isso temos ouvido a mais do que uma pessoa. Naturalmente concluimos que em taes condições e como por toda a parte sucede em egualdade de circunstancias, fosse aquele senhor a quem estaria imposta a obrigação moral de evitar não só a inserção de argumentos da força do que originou a nossa resposta e a carta do sr. Ferreira Gomes, como ainda encaminhar por estrada mais segura e em harmonia com o objectivo da imprensa em geral, o periodico tão desgraçadamente afastado do fim que pretende atingir. Como se vê, porém, enganámo-nos, o que, em vista da confissão do sr. Ferreira Gomes, não é para admirar. O que estranhamos é a afirmação do sr. Gomes, quando declara que não aceita *polémicas jornalisticas e de mais a mais a proposito de questões locaes, que não conhece nem quer conhecer*. Ora vejam lá o interesse que nutria e nutre por esta região e pelas suas mais urgentes necessidades, que são tantas, o sr. padre Ferreira Gomes, proposto ainda ha 60 dias, deputado por este circulo, inculcando-se aos crédulos eleitores—o devotado defensor dos seus direitos e regalías!

Pelo que expomos não temos de rectificar o nosso fogo nem modificar a *alça* do respectivo canhão, que fez, aliás, um magnifico tiro, pois além de arrojar o alvo poz a descoberto a miseravel degringolade que ele cobria, em tão faceis condições e notavel imprevidencia.

De resto póde o sr. Ferreira Gomes estar descançado. Não será por nossa causa que virá um dia a figurar no calendario, como *virgem* e *martir*... Isso não. Mas se tal suceder, acompanha-lo-hemos, como bons cristãos e devotos, na invocada posição do S. Francisco, mas virados ambos para os confrades e colégas do sr. Ferreira Gomes, que bem merecem tal despedida como unicos responsaveis pela situação que lhe crearam.

Tranquilise-se e... conte comnosco...

Director das Obras Publicas

Foi substituido pelo sr. João Henrique Wonaf, engenheiro-chefe da 1.ª secção, o sr. Lopes Monteiro, que neste distrito se achava á frente da direcção das Obras Publicas.

Politica de Estarreja

Ainda a atitude do nosso director

Trasladâmos do antigo jornal *O Ovarense*, que ha 35 anos vê a luz da publicidade na vila de Ovar, o seu primeiro artigo do ultimo numero, pedindo licença para juntar mais esses periodos ao que aqui tem sido transcrito doutros colégas:

De relance

* As belas acções encontraram, sempre em mim um acolhimento justo, sentindo-me bem ao evocar a imagem sublime da bondade. Quem a não anceia encontrar, essa virgem purissima que tantos teem esmagado?...

A bondade, eis o meu assunto, é uma Deuza que afaga os infelizes e nobilita os máus. Ninguem encontra fóra da esféra da vida esse ser que tem alma e vida. Dir-se-ia que a bondade baixou das regiões eterias ao planeta terraqueo para identificar os homens... Assim neste conjunto de pensamentos de que me venho ocupando, surge-me ao olhar um caso repleto de importancia. E' por demais sabido que em Portugal, desde que uma revolução trouxe novas instituições, os antigos usos, esses velhos costumes dos povos educados á antiga, sofreram uma radical transformação. O obscurantismo desapareceu á acção radiosa do progresso. Estas transformações déram-se em todos os tempos. Em todos os estados sociaes houvéram os seus choques entre ideaes diversos que terminavam pela vitoria duns e derrotas doutros.

A Republica, fórma de governo instituido que acatámos e respeitamos, serviu para muitos completarem a sua obra. Mas como os regimens se distinguem pelos homens, eis a razão porque em cinco de Outubro eles se fizéram sentir. Tivémos em 14 de Maio mais uma revolução que nos deu o atual governo. Os motivos imperiosos que a originou, o Paiz o sabe. No entanto, enquanto tudo descança das lides guerreiras e depõem as armas no altar sacrosanto da Patria, havendo por toda a parte uma ambição natural de paz e socego, em Estarreja, alguns republicanos, para bem da Patria e da Republica, levantam o grito de *guerra aos traidores da Patria!!!* Era piramidal se não fosse tricomico!...

Em Estarreja, nessa terra que eu conheço desde creança, socegada no seu viver de aldeia, como seria possivel que surgissem *conspiradores* de tal calibre, tão perigosos, ao ponto de pedirem a cabeça deles?

E' extraordinario!

Estarreja tem demonstrado ultimamente que encerra nas entrenhas zelosos defensores... do que está defendido por natureza... Que valor possue uma manifestação qualquer, como essa que acaba de se dar em Estarreja, para o bem da Republica?!...

Cáe-me nas mãos *O Jornal de Estarreja*, de 25 do passado, e leio, surprezo, a béla saida do sr. Arnaldo Ribeiro, da administração daquele concelho. Não conheço o sr. Arnaldo Ribeiro, nem tão pouco busquejo as suas relações pessoaes. Mas a maneira como procedeu, a correcção com que se revestiu, é a melhor recomendação possivel para o seu caracter, levando-me a pegar na penna, ése seu procedimento, e traçar as presentes referencias. Não conheço o sr. Arnaldo Ribeiro, mas pelo *Jornal de Estarreja* vejo que é de Aveiro, sendo director do *Democrata* que se publica naquela terra de José Estevam.

E' este cavalheiro um republicano sincéro como provado está pelo seu bélo procedimento, lucrando muito a Republica com homens deste quilate. Já se não está habituado a homens assim! Mas... adeante! Leio *O Jornal de Estarreja* e sinto-me transformado ao sorriso das coisas ridiculas... Uma *revolução* para obrigar um administrador dum concelho a demitir um pobre diabo, como se vai já vêr pela transcrição de alguns periodos do sincéro artigo firmado pelo nome do sr. Arnaldo Ribeiro:

. . . .

Os republicanos desta terra, entusiasmados com a vitoria da revolução constitucional de Lisboa, de tal modo se quizéram associar ao movimento, que não encontraram outra maneira de se destacarem senão destituindo uma camara, que fôra legitimamente eleita pelo povo, para, em vez dela, colocar apaniguados seus, em comissão, tal como dias atrás havia procedido alguem.

O sr. dr. Domingos Lopes Fidalgo, chamado a colocar-se á frente do distrito, inteirando-se do sucedido, entendeu e bem, que tal acto politico não se coadunava com os intuitos dos revolucionarios, pelo que me solicitou a vinda para esta terra afim de repôr nos seus logares, imediatamente, tudo quanto havia sido alterado.

Entre outras considerações diz o seguinte:

. . os primeiros pedidos que consistiram, da parte dos republicanos, em dimitir o oficial de diligencias da administração, nomear para o substituir um correligionario, que logo me indicaram, e preencher a vaga de 2.º amanuense, tambem da administração, para a qual lembravam egualmente cérto individuo. Pedidos de interesse publico, pedidos que envolvessem utilidade quer para o regimen quer para a região, está-se a vêr: nenhum. A todos respondi invariavelmente que só depois de me certificar da conveniencia dessas medidas procederia. E assim fiz. Relativamente á substituição do primeiro empregado recusei-me desde logo a faze-la, posto que mo indicassem como inimigo das instituições — pobre diabo! — enquanto não ouvisse sobre o caso o sr. governador civil.

Mais adeante diz o sr. Arnaldo Ribeiro:

O diabo tem uma manta que cobre, e outra que descobre e assim pude escapar, a tempo, á traição, á manifesta deslealdade usada para com quem tão leal, franco e delicado havia sido. — Queremos isto, faça, execute e vá-se embora! Que papel tão deprimente — o de algoz — que os republicanos de Estarreja se enfeitavam para me distribuir. Não se lembraram esses lumi ares, tal a sua falta de compreensão das coisas, de que para *testa de ferro* não tenho aptidões e para serventuario de quem quer que seja me faltam aqueles requesitos que já teem feito a felicidade de muito fi l patife

Estas ligeiras transcrições do artigo de Arnaldo Ribeiro, com o qual ele se identifica perante o povo sensato de Estarreja e dele se despede, são duma superioridade em argumentos esmagadores e de deixar os republicanos daquela terra reduzidos a um trapo!

Nunca se arreceie o sr. Arnaldo Ribeiro de proceder assim, com a correcção dos verdadeiros homens de bem! Rareiam em Portugal homens assim, duma só fé!... Ainda ha bem pouco tempo este jornal em *Situação clara*, chamava a atenção do sr. Governador Civil para esse grande abuso de ter sido deposta a vereação, ilegitimamente, da camara de Estarreja, para nela entrarem apaniguados, como diz Arnaldo Ribeiro, *deles*... Mas bem curto foi esse predominio absurdo! A justiça surgiu toda engalanada com os troféos da verdade!

Portugal não morreu ainda e saberá viver para a historia!...

Ao sr. Arnaldo Ribeiro, pelo seu nobre procedimento, os meus encomios de portuguez!

Telmo Jorge

A falta de tempo e de espaço não nos permite hoje mais do que manifestar o nosso reconhecimento ao sr. Telmo Jorge, que tambem não temos a honra de conhecer, pelas suas apreciações no antigo jornal em que viéram a lume, apreciações que bastante nos penhoram, encorajando-nos a proseguir na mesma senda de justiça que até hoje temos mantido.

Muito embora isso não agrade áquela parte de republicanos que se julgam no direito de praticarem quanta asneira lhes aflore ao bestunto avariado.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Melhoramentos locaes

Chega até nós a boa nova de que o municipio aveirense pensa atualmente na realisação dum emprestimo para com ele levar por deante alguns melhoramentos de interesse publico e necessarios á cidade, como seja o abastecimento de aguas, a compra de terreno para um novo cemiterio, a construção dum matadouro e por fim a remoção das cadeias e instalação do tribunal noutro edificio apropriado para que tambem se possa dotar a capital do districto com melhores repartições camararias do que aquélas que hoje aí temos cheias de caruncho, a trezandar a pôdre, incaraterísticas, a pedir reforma de alto a baixo como obra de primeira necessidade, urgente, imprescindivel.

Oxalá todas as dificuldades se removam e nós possâmos dentro em bréve distribuir tambem á câmara *incenso aos cardumes* pela sua louvavel iniciativa só digna do aplauso geral, unanime, dos aveirenses.

Junta Geral do Distrito

Sob a presidencia do sr. dr. Samuel Maia, secretariado por Arnaldo Ribeiro, com a presença dos vogaes Antonio Vidal e Elisio Feio, reuniu no sábado ultimo a comissão executiva da Junta Geral.

Resolveu instalar a secção feminina do Asilo-Escola Distrital no edificio do hospital civil em preparativos de mudança para as novas instalações na Senhora da Ajuda.

Aprovou os orçamentos ordinarios para o ano economico de 1915-1916 das irmandades de Nossa Senhora do Rosario e do Santissimo, da freguezia de S. João de Vêr, e o suplementar para o ano economico de 1915-1916 da confraría do Santissimo, da freguezia do Souto, todas do concelho da Feira.

Tomou conhecimento do balancête do tesoureiro, autorisou vários pagamentos e por fim fez expedir os seguintes telegramas:

Dr. Bernardino Machado

Lisboa

A Comissão Executiva da Junta Geral do Districto de Aveir , sauda V. Ex.ª confiada nos vossos sentimentos republicanos para defêsa e gloria da Patria e da Republica.

Pelo presidente,

(a) **Samuel Maia**

Dr. Afonso Costa

Lisboa

A Comissão Executiva da Junta Geral do Distrito de Aveiro sauda V. Ex.ª congratulando-se pelo seu completo restabelecimento.

Pelo presidente,

(a) **Samuel Maia**

PROMOÇÃO

Foi, pela ultima ordem do exercito, promovido a capitão e colocado no 3.º batalhão de infanteria 24, aquartelado em Ovar, o sr. Zeferino Camossa Ferraz de Abreu, que em Aveiro conta muitas simpatías e a quem por tal motivo nos apraz dar os parabens.

"Historia da Guerra Europeia,,

Temos presente o tomo n.º 16 désta publicação, que continuamos a recomendar não só por estar habilmente elaborada mas tambem pelo relativo luxo da edição. O tomo que temos presente, além de uma linda capa a côres, de optimo feito, insere o Diário da Guerra, de 11 a 31 de março e as seguintes gravuras: Rei Alberto I, da Bélgica; avião francês dando caça a um tube alemão e couraçado inglês *Bulwark*, que foi a pique no porto de Sehemes, por explosão dos paioes.

Não se póde exigir mais, e é muito de louvar a iniciativa da casa editora, pondo assim ao alcance de todas as bolsas uma obra ilustrada, interessante, educativa e de flagrante atualidade.

Cada 32 paginas custam 5 centavos, devendo as requesições ser feitas á **Tipografia Gonçalves**, 12, rua do Mundo, 14 — Lisboa, cujas remessas são franco de porte.

Cruzador "Republica,,

Encalhou na sexta-feira, perto de Peniche, este barco de guerra da marinha portuguêsa comandado pelo capitão tenente João Fiel Stockler e tendo a bordo uma tripulação composta de mais de duzentos homens que imediatamente foram socorridos, salvando-se todos.

O desastre é atribuido ao denso nevoeiro, que pela manhã envolvia toda a costa, estando agora a serem envidados esforços no sentido de safar o navio de sobre os pedregulhos para o que já foi retirado quasi tudo que dentro dele se encontrava.

O *Republica* acabára ainda ha pouco de receber um importante concerto nas maquinas, nos alojamentos, na artilharia, nas disposições electricas, etc., concerto que durou uns tres anos, andando agora nas primeiras experiencias infelizmente iniciadas com tanta fatalidade.

Chega a ser doloroso.

PELA IMPRENSA

Acaba de registar um ano mais de publicação o nosso colèga *Folha de Trancoso*, orgão republicano e dos interesses locaes.

Cumprimentâmo-lo.

= Recebemos o 1.º numero da *Vitalidade*, quinzenario dirigido pelo sr. Alfredo de Pratt e destinado á defêsa dos interesses do distrito da Lunda, Africa Ocidental.

Muitas prosperidades.

= Ao *Riso do Vouga* agradecemos a transcrição que fez do nosso artigo sobre o hospital.

AS BRUXAS

Será desta feita que elas acabarão?

Entre outros projectos de lei apresentados á camara pelo ilustre senador dr. Daniel Rodrigues, figura um que pune todo aquele que, atribuindo-se faculdades excepcionaes, ou pacto com poderes ocultos, ou conhecimentos de artes maravilhosas (a astrologia, a cartomancia e a quiromancia, o espiritismo, o sonambulismo, o magnetismo animal, a feitiçaria e analogos artificios) exerça a profissão de curar, de adivinhar, de produzir determinados acontecimentos ou de promover a felicidade ou a desgraça doutrem.

A tal praga da bruxaria é já um verdadeiro flagelo que dia a dia vai por aí engrossando á sombra da crassa ignorancia do povo e da indiferença das autoridades. Mas o peor, porém, é a descomunal e criminosa exploração a que são submetidos quantos na sua estupida crença se entregam nas mãos destas creaturas que sem o mais leve escrupulo, enganam infamemente os simples e os ignorantes que os vão ouvir e consultar.

Entre nós, em pleno coração da cidade, a toda hora, ha quem explore ignobilmente a torpeza desse *negocio* tendo até a imagem dum Cristo crucificado, que se agita em determinados momentos, aprovando as referencias e ilucidações que aos vários casos expostos vai fazendo a bruxa!

Istó é simplesmente infame! Mas continuará impunemente a praticar-se, como em tempos idos se fizéram bruxarias doutro genero pelo... *preço do costume*...

Ignorâmos se para estas ignobeis traficancias haverá tambem — preços fixos...

Notas mundanas

Consorciou-se no sábado com a sr.ª D. Celina Batalha da Cunha, interessante filha do capitalista e proprietario, sr. Luiz Cunha, o ex-empregado da Agencia do Banco de Portugal, sr. Joaquim Soares, que durante alguns anos viveu nésta cidade, conquistando simpatías.

Serviram de padrinhos por parte da noiva os srs. Manuel Marques da Cunha e Inacio Marques da Cunha e por parte do noivo os srs. José Maria Soares, comerciante em Lisboa e dr. Carlos Barbosa, advogado na mesma cidade, assinando ainda o auto de registo as sr.as D. Maria Izabel Cunha de Barros, D. Maria Regina Pereira Soares, D. Maria Tereza Pereira Peixinho, D. Maria Luiza Soares, D. Amelia B. C. de Matos, D. Adelaide Rocha Marques Cunha e os srs. João da Silva Pereira, dr. Jaime Duarte Silva, Alberto Souto, Ricardo Pereira Campos, dr. Joaquim Simões Peixinho, dr. Luiz de Brito Guimarães, Domingos Pereira Campos, dr. Lourenço Simões Peixinho, Armando da Silva Pereira e dr. Francisco Antonio Soares.

Após o acto civil, realizado em casa dos paes da noiva, têve logar a cerimonia religiosa na capela de S. Bernardo, onde os noivos se dirigiram acompanhados de todos os seus convidados e em seguida ao que foi oferecido pelo sr. Luiz Cunha e sua esposa um finissimo copo de agua na magnifica vivenda que possuem na rua Eça de Queiroz, no decorrer do qual se fizéram inumeros brindes pela felicidade dos recem-casados.

Na corbeille da noiva viam-se muitas prendas, algumas de subido valor e apreciavel gosto artistico.

Que tenha uma interminavel lua dè mel é o que sincéramente desejâmos ao ditoso par.

= Tambem na quarta-feira se realizou o enlace da menina Armandina da Conceição Oliveira com o maritimo José Rodrigues Mieiro.

Os nossos parabens.

= Deu á luz, em Loanda, uma robusta creança do sexo feminino, a sr.ª D. Violêta Costa, dedicada esposa do nosso velho amigo e conterraneo, Francisco Vieira da Costa. Recebeu o nome de Corina.

Que jámais a ventura deixe de acompanhar a inocentinha, são os votos que fazemos de envolta com as felicitações enviadas a seus estremosos paes.

= Estão a veranear na Costa Nova a familia do sr. Manuel Sacramento e a sr.ª D. Joana Gomes de Faria e sua gentil filha; D. Maria Ludovina Gamélas e Inacio Marques da Cunha, sua esposa e filhos.

= Encontra-se em Entre-os-Rios o nosso presado amigo, sr. Antonio dos Santos Victor, digno escrivão de Direito em Vieira do Minho.

= Fez exame do 2.º gráu a menina Maria Madalena Deveza Lopes Coelho, aluna do Colégio de Nossa Senhora da Conceição, ficando plenamente aprovada.

Felicitamo-la e aos que lhe são cáros.

= Continua em tratamento na sua casa de Candosa, o nosso excelente amigo, dr. Alfredo Nobre, conservador do Registo Civil, a quem foram concedidos mais 60 dias de licença.

= Vimos nos ultimos dias em Aveiro, os srs. João Simões de Carvalho, de Eirol; Manuel Antonio Barbosa, de Oliveira de Azemeis; Antonio Souza, do Parto; Joaquim Ribeiro de Matos, de Alquerubim; Santos Ferreira e Manuel Antonio Pires, da Povoa do Forno; dr. Abilio Marques, da Costa do Valado; Francisco Valerio Mostardinha, José Martins Alberto e Manuel Silvestre, de Nariz e Manuel Francisco Braz, da Povoa do Valado.

= Chegou de Entre-os-Rios o sr. Major Pires Moreira.

= Passou no dia 5 o aniversário do estimado comandante nautico, sr. Antonio da Rocha Agra, natural de Ilhavo, mas atualmente ao serviço da casa Andressen, em Manáus, onde é justamente considerado pelas boas qualidades que possue.

Muitos e sincéros parabens.

Sua filha, a interessante Inocencia Mendes Agra já partiu para férias em companhia de sua carinhosa mãe, que a veio buscar ao Colégio de Nossa Senhora da Conceição onde tem recebido a primorosa educação que ali se ministra.

= A continuar as suas viagens e depois de ter passado entre nós algum tempo, ausentou-se de Aveiro o sr. Jeronimo Peixinho, entendido piloto da Emprêsa Nacional de Navegação.

Pontos nos ii...

O sr. José Gonçalves Gamélas, querendo justificar a razão porque fez parte da comissão organisadora das festas da cidade, na secção catolica, veio para a imprensa dizer que alguns republicanos notaram nisso incoerencia.

Como já me vejo apontado por alguns dêdos da *mão negra*, venho declarar que nunca conversei com ninguem a tal respeito e até acho que o sr. Gamélas foi nisso muito coerente.

O sr. Gamélas foi sempre um catolico de grande abnegação, até mesmo quando levado, injustamente, ao banco dos réus pelos ministros da propria religião e por motivos de discordancia nas cerimonias duma festa em que figurava como mordomo e para a qual contribuiu com a sua quota. Mas o facto de alguem estranhar a sua atitude perante as festas tem uma razão de ser.

Pois quem não viu, em Agosto de 1904, o sr. Gamélas á frente da Comissão de resistencia contra a parada de forças que os jesuitas aqui tentaram levar a cabo?!

Para mim é que o caso não foi estranho, porque vi o sr. Gamélas — quantas vezes? — fazer propaganda tão tenaz contra a ideia religiosa, que chegava a prégar ás gentes do nosso bairro pescatorio doutrinas como esta: *Não ha forças divinas, não ha Deus!*

Custou-lhe esta propaganda o ser por muito tempo apodado de *maçonico* e *pedreiro livre*, e até de falar com o diabo! Mas ele não fazia aquilo por mal. Como frequentava certas reuniões onde eram discutidos assuntos politicos, religiosos, sociaes e historicos, naturalmente entusiasmava-se e repetia passagens de alguns discursos que ouvia, mas, á cautela, assim que chegava a quaresma, confessava-se e comungava, não fosse ás vezes — quem sabe? — haver um Deus com o céu e o inferno e... — sabem que mais? — *Aquilo não faz mal a ninguem.* Estava assim dentro das regras da coerencia fazer propaganda anti-religiosa para agradar aos homens e seguir os preceitos da egreja para agradar a Deus. Do que o sr. Gamélas se esquece é de que nas democracias cada individuo tem a religião que quer e a seu modo, quando diz que a religião catolica deve ser a mais aceitavel por élas por ter afenidades democraticas.

Não ha duvida; muito democraticas!...

Quantas vezes nós vimos em actos da maior importancia religiosa — a comunhão — a desigualdade entre o rico e o pobre, desigualdade que se revela na toalha e no copo da agua? E o que fizéram ao Bispo de Vizeu? Por não dizer *amen* no concilio de Roma, até depois de morto lhe fizéram guerra tirando as ordens de missa ao padre que se atreveu a rezar os oficios por sua alma! Se lhes parece!... Ele até tinha dito que queria na sua diocese padres que amassem a Deus na pessoa do proximo e não jesuitas que explorassem o proximo em nome de Deus!...

Ha lá coisa mais democratica? Para o atestar bastam as palavras que puzéram na boca de Cristo: *Não julgueis que vim trazer a paz á terra, mas sim a espada: eu vim trazer a guerra do filho contra o pae e do filho contra o irmão.*

Todo aquele que não odiar seu pae e sua mãe, seus irmãos e suas irmãs, não é digno de mim.

Bonito, hein?!

Bem disse João Chagas ha anos no *Teatro Aveirense*: *A nossa raça parece que está degenerada.*

Pela publicação déstas linhas se confessa muito grato o seu amigo e correligionario

Aveiro, Agosto de 1915.

Eduardo de Pinho das Neves

TEIMOSIA OU QUÊ?

—==(*)==—

Persiste o orgão local do evolucionismo em vêr no que o *Democrata* escreveu sobre o Hospital da Misericordia, contradições, que se não déram, incoerencias, que não lhe pódem ser atribuidas, como passâmos a demonstrar com os proprios excertos que o articulista do *Progresso* foi buscar para nos confundir, mas que apenas provam a sua ignorancia para lhe não chamarmos burrice.

Ora vejam o que nós escrevemos primeiro:

Precisamente á hora a que o nosso ultimo numero entrava na maquina, reuniram na sala do despacho da Santa Casa alguns irmãos, tendo logar a eleição de nova meza, que ficou assim constituida:

Provedor, Lourenço Simões Peixinho; *escrivão*, Inacio Marques da Cunha; *tesoureiro*, João José Trindade; *mesarios*, Eduardo Osorio, Luiz da Cruz Moreira, Guilherme Augusto Pinto, José Marques de Almeida, Luiz Henriques, Francisco Estevam Ventura, Tomaz Vicente Ferreira, Antero de Almeida e Domingos Pereira Campos.

Então gritámos nós—*álérta!*—porque, havendo nesta pia instituição uma *poncronha* ou marca de que só fazem carte *firmas* dum cérto cunho, nos parecia que era tempo e mais que tempo de acabar com esse mecanismo gasto e manhoso para que os *amadurecidos* hospitaleiros se não eternisassem. Esse grito *repetimo-lo hoje ao vêr de novo no poleiro* **uma parte** da tal *concronha* e já agora havemos de ir até onde fôr preciso, tão indispensavel se torna o arejamento do vasto recinto em que a talassaria se tem acoitado.

Temos muito que falar, muitissimo, visto ser esse até o desejo de alguns irmãos que nos merecem toda a consideração.

Bréve será.

Agora as linhas do tal artigo com a *distribuição de incenso aos cardumes*:

Por o que aqui resumidamente referimos e ainda porquanto sabemos, está animado e intimamente decidido o dr. Lourenço Peixinho, a levar por deante o que outros não quizéram ou não soubéram fazer e que ele, como homem de sciencia, melhor do que ninguem, compreende e reconhece. Pois não seremos nós que deixaremos de o louvar e incitar á realisação dessa obra, **que por si só diz mais do que quanto podéssemos aqui escrever.**

Fazendo a comparação, toda a gente, que não esteja atacada de cegueira, vê logo a diferença que vai de **uma parte** *da tal concronha*, a que se refere a primeira local, e o sr. dr. Lourenço Peixinho, visto que a ele só nos dirigimos exalçando o seu trabalho. Pois não é assim? Não está bem expresso o nosso pensamento? Bem claro? Está, está e toda a gente, que sabe lêr, o compreendeu perfeitamente. Só o articulista do *Progresso*, para mostrar a sua *finura*, e ter ensejo de falar na *distribuição de incenso aos cardumes*, é que quiz salientar-se, mas com tanta infelicidade que só conseguiu tornar-se mais ridiculo do que o proprio Calino com quem parece ter aprendido a escrever.

Estes *jornalistas!*...

Se algum dia nos resolvemos a lançar um *valão de ensaio*—ó pae!—então é que hão-de vêr o que é *distribuir incenso aos cardumes*, porventura *em antes* de *darem um coice na morte, como é proprio do seu lidimo caracter*...

EM FUGA

Desapareceu desta cidade o continuo do *Club Mario Duarte*, José Monteiro, que levou consigo alguns valores pertencentes á casa.

Deixou uma carta explicando á Direcção os motivos que determinaram o seu afastamento do serviço e na qual pede lhe desculpem a fraqueza devida tão sómente ás precárias circunstancias da sua vida.

Não indica o paradeiro, mas a policia averigua.

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

CARTAS DUM EXILADO

Ao padre Firmino Marques Tavares

Já se passaram dois anos e eu ocultando com a minha modestia tantas injustiças e tantas infamias!

Era no Seminario dos Carvalhos, concelho de Vila Nova de Gaia. Descreverei, segundo as minhas aptidões, que são poucas, a vida oculta dum seminario, as traições e infamias de que fui alvo, e as injustiças vergonhosas de que fui vitima.

Não é o odio que me arrasta a estas circunstancias, mas são os meneios déssa seita hedionda, déssa seita que devemos repelir para bem longe da sociedade, pois os seus principios são suspeitos, os meios reprovados e os fins funestos, e pódem causar, e quantas vezes causam, obstaculos á familia e á sociedade inteira.

Na sociedade, e principalmente na familia, devemos procurar os meios necessarios para passarmos a vida livre e não oprimidos por aqueles que procuram vendar-nos os olhos, e mostrar-nos depois um céu aberto, um mar de rosas, um paraiso eterno, ou um inferno sem fim.

Essa opressão, qual tempo da escravatura, em que o homem tinha o poder de vida e morte sobre sua mulher e filhos, ainda hoje se nos patenteia florescente e altiva na sociedade catolica. Obedecemos cegamente ao padre, acreditamos no que ele diz, e não procuramos investigar, se essas patetices que ouvimos concordam com o nosso pensar, pois nós tambem sabemos avaliar e distinguir bem onde está o erro e por onde camínha a verdade; obedemos cegamente e com submissão ao erro, porque é o representante de Deus quem ensina; obedecemos, porque Deus disse, e por isso acredita-se.

Mas, para onde vâmos, povo humilde e escravo? Hoje que já nos sorri a liberdade e vozes de harmonia bradam que não mais somos submissos a essa casta desnaturalisada, ainda ha cegueira em vós, povo aldeão e rude, que julgaes vêr no padre, a quem adoraes, o Deus todo poderoso? Ilusão!

Povo, olha para ti! Foste quem venceste o inimigo em Aljubarrota e Ourique e o levaste na tua frente para além da fronteira; tu, quem atravessaste mares, dobraste cabos e povoaste continentes, (e és tu, por excepção, que vives separado déssa liberdade, longe da sua bondade e repelido do seu carinho!

E segues ainda a negra seita?

Pois eu vivi opresso por éla, cercado por muros inexpugnaveis, fechado num asfixiante quarto, exposto ás exigencias desses tiranetes, que me procuravam empalidecer o espirito para assim me conduzirem melhor ao caminho da hipocrisia e da astucia, e amofinhar o meu ideal, que sempre foi firme no pensar e réto no proceder.

Néssa céla repugnante, a minha vida foi um cumulo de iniquidades e injustiças, as quaes descreverei, como disse, desprezando a elegancia do estilo, e desde já peço aos leitores desculpa para as minhas faltas, pois não venho mostrar as minhas qualidades de escritor, mas sim pôr bem a descoberto as ciladas preparadas contra mim pelo, ainda meu primo, padre Firmino Marques Tavares, de Estarreja.

. . . .

Corria o ano de 1906. Na minha encantadora e bela freguezia —Salreu—ilustre pela memoria dos antepassados, existe uma linda casa, nobre pela honra, e digna pelo nome. Aí nasci, cresci e vivi, sob a tutela de meus paes, não no abastecimento e no luxo, mas na modestia e decencia.

Por eles educado, segui sempre a minha vida guiado pelos seus conselhos, que quasi sempre vinham em meu beneficio.

Segui as suas pisadas, segundo a medida das minhas forças e a lucidez do meu espirito, que ía brotando, qual botão de rosa nos inicios da primavera, num frondoso jardim.

Assim amparado, via na minha vida futura um logar de esperança, em que podia mais á vontade desdenhar da minha mesquinha sorte, pela fé que tambem me acalentava gracejar um dia.

Era necessario, pois, que surgisse um meio de arrastar a penosa cruz da vida até ao calvario da amargura, e que esse meio de vida fosse de acordo com a ideia simples da familia, na sua maior parte desprovida de sentimentos instructivos.

Diariamente me ocorria ao pensamento qual a carreira que devia seguir, perante o que ficava meditando sobre o que devia resolver. Dispensava então as admoestações dos amigos, pois quasi tinha certo me vinham ser nocivas, e meditava a sós no risonho provir, no meu futuro brilhante, cheio de gloria para mim, de felicidade para meus irmãos, e, no meio de tudo, via uma vida regalada, cheia de ocio e toda embebida na avareza e guloseima. Era triste este pensar e criminoso o proceder; mas na juventude ainda, quem não pensaria assim?

(Continúa.)

Pará, 17—7—1915.

Avelino de Almeida

FESTIVAL

O que estava anunciado para domingo, promovido pela Companhia dos Bombeiros Voluntarios já se não efectua nesse dia, mas a 22 do corrente, sendo o programa variado e atraente.

Necrología

Morreu nas proximidades de Vouzela onde tinha ido assistir a uma festa, o alquilador Antonio da Costa Louro, ha pouco chegado da ilha de S. Tomé, onde esteve exercendo a mesma profissão.

Agradecimento

O abaixo assinado, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram interessar-se pelas melhoras de sua filha, durante a grâve enfermidade que a reteve no Hospital da Lapa, no Porto, e de onde já regressou completamente restabelecida.

José Augusto Ferreira

Comunicados

—==(*)==—

UM PADRE MODELO

(Leves traços da sua biografia)

Foi no ano de 1906 que o padre Francisco Massadas, natural de Agueda, tomou posse da egreja de Nariz, risonha aldeia do concelho de Aveiro e que, ha bastante tempo, ele ambicionava pastorear. Na verdade, este povo, geralmente humilde e bom, tendo conhecimento da sua chegada aqui, envidou todos os esforços para receber festivamente o *ilustre pregoeiro* da doutrina cristã.

Uma comissão composta dos srs. Adelino Tomaz da Silva Ribeiro, Adelino de Oliveira Valerio, Manuel Valerio, Manuel de Oliveira Junior, José Martins Alberto e outros aguardavam, anciosos, a chegada do *bom pastor* e, com a filarmonica *Palhacense* á frente, apresentaram ao *padre modêlo* os cumprimentos de *boas vindas*. Trocadas algumas impressões o ilustre *hospede* que, néssa altura, só tinha relações com José Martins Alberto (*o Zesinho*, lhe chamava ele) rapaz alegre e folgazão, seu contemporaneo dos belos tempos de Coimbra e a quem o Massadas consagrava um poucochinho de... *amizade*, ao vê-lo, corre a abraça-lo!

O que se passou—cênas emocionantes—não póde descrever-se!

Todos—homens, mulheres e creanças, corriam a aproximar-se daquele *santo homem* e (ó cumulo da ingenuidade!) algumas *santas* mulheres lhe chegaram a beijar a mão! Eu, extasiado com tanta alegria que me circumdava, supuz-me, tambem, na presença do *Padre Santo!!!*

Efectivamente, no rosto do padre Massadas, cheio de uma alegre comoção, via-se um olhar meigo, terno, cheio de caricias, cheio de *pura bondade* para o rebanho que, em breve, passava a pastorear. Depois de alguns discursos resolveu a comissão oferecer ao *conspicuo sacerdote*, na linda vivenda do meu particular amigo Adelino Tomaz Ribeiro, um lauto jantar a que assistiram pessoas da mais alta posição politica e social.

Ao *toast*, brindaram vários amigos (e alguns de toda a respeitabilidade) enaltecendo as *belas qualidades* do revd.º Massadas o qual, agradecendo, se dirigiu, acompanhado de muitos amigos, para casa do seu particular amigo Martins Alberto onde o aguardavam duas bôas mulheres, mãe e tia daquele, que logo se apressáram a cumprimenta-lo e a oferecer-lhe o seu *limitado* prestimo.

O padre Massadas estabeleceu, pois, residencia e, logo em seguida, começou por visitar frequentemente a vivenda do Martins Alberto que, até á data, o recebeu sempre com a lhaneza que o caracterisa, dando margem a que o padre Massadas se familiarizasse de tal modo que se tornou *senhor absoluto*! Bons anos se passaram, sem que ele, sempre de *regabofe*, encontrasse uma unica dificuldade na vida futura, enquanto a morte não surpreendeu alguma das *santas* velhinhas. Mas, força do Destino, morre, a 13 de Novembro de 1911 a bôa Luiza, (a sr.ª Luizinha lhe chamava ele) a santa mulher, toda bondade, toda candura, sempre pronta a receber toda a pessoa sem distinção e a melhor hospitaleira que teve padre Massadas.

Este visitou sempre o sobrinho daquéla, o inseparavel *Zezinho*, a qnem o prendiam laços de infinda saudade Coimbrã! Navegava, pois, o padre Massadas, num mar de rosas!

Mas o Martins Alberto, dado

Seabra de Lacerda o texto da carta do chefe militar que assim o tratava, acompanhando-o da seguinte missiva:

Por maiores que fossem os meus esforços, não pude dar inteiro cumprimento ás ordens de V. Ex.ª.

Só agora, 3 á noute, póde partir uma pequena remessa.

E agora que pude falar com Lencastre, posso afiançar que tudo o mais fica ai na 2.ª feira, até ao rapido das 12 da noute. E' cousa que, como ele dirá a V. Ex.ª, fica inteiramente á responsabilidade dele.

Por as cartas que envio V. Ex.ª verá que A. Cou. está comido por C. da S.

Diz que não estará aqui antes de 6.ª feira, 10; podemos quando muito te-lo aqui na 5.ª feira, mas a verdade, como Lencastre contará, é que está pondo taes condições, que nem sei se valerá a pena manda-lo vir.

Lencastre deita agora ao correio uma carta em que o intímo a vir, a despeito de tudo.

Pelas razões ditas tarda, portanto, um pouco aquilo que me estava incumbido, embora sem culpa minha.

Pergunto pois:

1.º Espera-se J. C.?

2.º Póde remediar-se a demora nas remessas?

3.º Devo preparar as provincias, porque eu não conto já senão comigo, para ficarem prontas desde de 2.ª feira, ou desde quando?

Tem sido tantas as ordens e contra-ordens que V. Ex.ª devia mandar-me devidamente lacradas as ultimas instruções, para eu poder responder á intriga e á confusão que se pretende fazer.

Vê-se portanto que o Jaime não se resolvia a deixar a chefia do movimento, antes se agarrava a ela aprestando-se para afastar do seu caminho o proprio João Azevedo Coutinho.

Ele consigo e com as suas provincias, e dizendo isto olhou a sua coluna negra a mai-los os doze de Vigo, seria capaz de erguer o trôno manuelista.

A questão estava nas instruções devidamente lacradas, pois tudo estava uma confusão. O resto era com ele.

O ATENTADO DA PRAIA DAS MAÇÃS —PÁU PARA TODA A COLHER

Era preciso matar o dr. Afonso Costa? Mata-se, que diabo! Lá estava o amigo de Constancio, o facinora Diogo Peres, com o seu plano da Praia das Maçãs, e uma bela pistola *mauser* com que esperava consumar o feito grandioso.

O Peres operava com toda a serenidade. Fizéra as coisas com geito. O *comité* monarquico tomára compromissos. Garantia á mulher e aos filhos do assassino uma pensão vitalicia que os pozésse a coberto da miséria.

Para mais livremente poder agir, o Peres tinha tido uma ideia admiravel: fôra filiar-se no Centro Republicano Social e era, tu cá tu lá com muitos defensores da Republica. Ninguem desconfiava dele.

Era preciso suprimir o ministro da guerra? Isso era muito facil. Todas as medidas estavam tomadas para que a *coisa* não falhasse.

Que mais queria o Coutinho?

O Abel dos Santos Ferreira fizéra o outro Abel, o Martins Pinto, depositário dos mil escudos, a quando da primeira investida ao Azevedo Coutinho.

Das mãos do Abel Martins Pinto volta a Vigo a maquia, e as novas instancias são feitas em estilo grandiloquo e ardente.

Baldado esforço! Declara não estar disposto a adiar a partida para Paris. No entanto vai recebendo a *massa* e, depois de escrever uma carta explicativa ao *Mijarêta*... abala com armas e bagagens para terras de França.

o desenlace de sua boa tia, que lhe custeava todas as despezas, ou algumas, tinha de pôr termo á vida airada, á convivencia de *bestuntos*, que só o exploravam, que só lhe abriam um caminho—o abismo. Conseguiu-o pelo matrimonio e a este se opôz ferozmente o célebre Massadas, desviando-o do caminho a seguir, indicando-lhe um outro porvir (que para ele seria mais conveniente) continuando a *mimosear* o Martins Alberto e mãe com as suas habituaes visitas de fraternidade. O Martins Alberto pôz de parte os *sãos conselhos* do padre Massadas e realizou o seu intento. Casou.

Tres anos vão decorrendo e padre Massadas ou porque veja em Martins Alberto uma transformação radical ou porque ambicione o seu futuro em nada invejavel, move-lhe as mais odiosas perseguições! Arrasta, com as garras aduncas dum Lucifer, a discordia, o odio, a inveja e desassocego para uma familia numerosa e honrada!

Fanatisa a mãe daquele!

Esta, por sua vez, odeia e despreza os entes mais queridos—os filhos!

. . . .

E' agora que começam a desenrolar-se cênas, as mais humilhantes, as mais vexatorias, os crimes mais repugnantes de que chamarei á responsabilidade esse hipocrita, esse falso ministro de Deus, esse ébrio incorrigivel, esse inimigo da Instrução e das Instituições. Do que se lembrou o masmarro para assim rebaixar e ferir na sua dignidade uma familia nobre, honrada e que tantas vezes (quem sabe se com sacrificio) lhe recheou a humilde caserna (hoje transformada pelo senhorio) que o grande patiforio habita? Encoberto com a capa da hipocrisia, o amigo *leal* do Martins Alberto, com o cérebro alcoolisado, os olhos ferindo com os seus raios enebriados de rancor os que não comungam nas suas ideias, não se lembrando, o miseravel, da sã doutrina de Cristo, todo bondade, todo paz, todo amor para com seus filhos, a quem o desgraçado tem calcado aos pés, entregando-se, a deshoras, a toda a especie de regabofes, já saboreando os deliciosos nectares, já enchendo o estomago das mais exquisitas iguarias, segue agora outro caminho, pensando, talvez, que lhe perdoou a sua incomensuravel deslealdade, a sua ineguslavel ingratidão. Pois engana-se. Hei-de provar-lhe que se engana redondamente. Vai ser desmascarado, ele e outros de igual jaez.

Um explorado

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 12

Está convocada para domingo uma nova reunião dos membros da comissão que pretende fazer iluminar a acetilene o proximo logar de Sarrazola, a qual se deve efectuar pelas 18 horas e meia em casa do sr. José Maria Tavares, morador na rua Candido dos Reis.

=Partiu para a Curia a sr.ª D. Benilde de Pinho Brandão, professora em Sarrazola.

=Para a praia do Farol seguiu tambem o sr. Henrique Rodrigues da Costa e sua familia.

=Está quasi a passar algum tempo o nosso conterraneo e amigo, sr. João Ferreira.

=Activam-se os preparativos para a festa de S. Bartolomeu, em Sarrazola, que terá a abrilhantala as musicas do Pinheiro da Bemposta e do Asilo-Escola de Aveiro.

A vespera promete ser deslumbrante.

=Está já restabelecido o sr. José Rodrigues Pardinha.

=Roubaram á sr.ª D. Elvira da Conceição Portela a quantia de 20 escudos não se sabendo ainda quem tenha sido o larapio.

O caso está afecto á policia.

C.

Ultima hora

DESASTRE NO MAR

Mortos e feridos

Mais um desastre de funestas consequencias a lamentar na aprazivel praia da Costa Nova: quando ontem, depois das 12 horas, a companha de pesca *Ressuscitada da Senhora da Saude* saía para o mar, que se achava um pouco agitado, segundo dizem, uma vaga mais alterosa chocou com tanta violencia de encontro ao barco que logo o despedaçou, fazendo correr sério risco os seus tripulantes. Aos gritos aflitivos, porém, da gente que na praia se achava, imediatamente aos naufragos foram prestados todos os socorros de que careciam, trabalhando os seus companheiros de terra afanosamente para o seu salvamento. Ainda assim pereceram afogados Manuel José Salvador, o *Costa*, que deixa viuva e tres filhos menores e Manuel Simões, egualmente casado e com um filho nascido ha dias, ambos da Gafanha.

Ha tambem a registar grande numero de feridos, entre os quaes Manuel José Craveiro, Manuel Costa, irmão do primeiro morto e Manuel Lopes, que apresentam lesões de certa gravidade, receiando-se muito pela sua vida. Um destes deu entrada no hospital désta cidade em estado comatoso.

A companha tem seguro na companhia dos acidentes do trabalho, *Mutual do Norte*, que hoje deve enviar um agente a enteirar-se do acorrido.

O desastre produziu funda impressão não só entre os banhistas da Costa Nova e colégas dos desgraçados, que dele foram vitimas, mas tambem em Aveiro onde a má noticia chegou pouco tempo depois do drama se ter desenrolado, pranteando toda a gente a sorte dos infortunados pescadores.

Até á hora do nosso jornal entrar na maquina ainda não ha comunicação do aparecimento dos cadaveres dos pobres homens que no Oceano encontraram a sepultura.

12 DE AGOSTO

Fez ontem 26 anos que se inaugurou nesta cidade a estatua do ilustre filho de Aveiro, que no fôro, como no parlamento, como nas campanhas liberaes, de arma em punho, honrou as suas tradições creando um nome aureolado—José Estevam Coelho de Magalhães.

Por essa razão, a Banda dos Bombeiros Voluntarios, para que a data não passasse de todo despercebida, percorreu á noite as ruas mais centraes executando o hino do glorioso português, que tanto relêvo e prestigio deu a esta terra.

Juizo de Direito

DA

Comarca de Aveiro

Éditos

(1.ª PUBLICAÇAO)

Por este Juizo de Direito, escrivão Marques, correm éditos de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação deste anuncio, citando os herdeiros João Cerino da Rocha Junior, divorciado, e José Maria Cerino da Rocha, casado, auzentes em parte incerta do Brazil, para todos os termos do inventario orfanologico a que se procede por obito de sua mãe Rita Nunes, moradora, que foi, na Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, em que é cabeça de casal o viuvo João Cerino da Rocha.

Aveiro, 30 de Julho de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão,

Francisco Marques da Silva

Ministério do Fomento

Direcção Geral da Agricultura

Direcção dos Serviços Agricolas do Norte

Fáz-se público para os devidos efeitos, que no dia 21 do corrente mez de Agosto pelas 11 horas e na secretaria do Posto Agrario da Bairrada (Anadia), se procederá á venda em hasta publica de 12.600 litros de vinho tinto e 6.400 litros de vinho branco da ultima colheita.

As condições da arrematação, estão patentes nas Secretarías désta Direcção, do referido Posto, na Anadia, e da 9.ª Secção Agricola, em Aveiro, onde pódem ser examinadas pelos interessados, todos os dias uteis das 10 horas ás 16.

Porto e Direcção dos Serviços Agricolas do Norte, em 2 de Agosto de 1915.

O Director dos Serviços Agricolas do Norte,

Ramiro Larcher Marçal

66

Proseguindo—Azevedo Coutinho diz porque quer um compasso de espera—Uma carta do grande homem—Jaime Silva começa a desconfiar de Azevedo Coutinho—Comido pelo conego?—Outra carta do "Mijarêta,,—A grande intriga!

Deixamos os *complots* monarquicos manuelistas aflitos com a traição dos miguelistas. Ora tendo já contado as suas aflições, convém seguir a historia, recapitulando as ultimas revelações, isto é, lembrando que Jaime Silva, vendo-se ludibriado pelos miguelistas quis precipitar a revolução requerendo a vinda de Azevedo Coutinho, idealisando planos de guerra e ordenando febrilmente que viéssem sem falta os 12 homens dispostos a tudo, comandados pelo *Marujinho* e destinados ao assassinato do dr. Afonso Costa e ministro da guerra, devendo seguir-se depois o que a sorte destinasse.

Nesta azafama do *Mijarêta* devem ter rido por vezes os leitores, especialmente pelas negaças de Azevedo Coutinho, assim como devem ter experimentado sensações novas, entre estas a entrada do conspirador Homero de Lencastre ao serviço da policia do Porto.

Ora tinhamos ficado em que, apesar de todas as instancias, o eleito chefe militar da revolução de Lisboa resolvera não vir a Portugal e regressar imediatamente a Paris, dando conta destes seus propositos em carta dirigida ao Jaime Duarte Silva, assinada com o seu pseudonimo de Antonio Fragoso, mas escrita pelo seu alto punho de Azevedo Coutinho:

Meu caro amigo

Como já lhe mandei dizer, póde em absoluto contar com o meu apoio aos seus trabalhos esperando que tudo esteja devidamente preparado para que antes de doze eu aí possa estar. Não quero com a minha presença ir favorecer qualquer precipitação, por isso esperarei que toda a preparação esteja feita; o contrário seria um perigo para a causa e improprio de um qualquer chefe

67

com as responsabilidades que impendem sobre mim. Como sabe o meu amigo, ha fortes razões que justificam esta minha resolução, como sejam: as incompletas introduções de armamento tanto para aí e L.x como Br, Ch, Vi Re, La; a não montagem do armamento daí que levará pelo menos 2 dias e a sua consequente distribuição; a conclusão dos trabalhos do Banho e Albuquerque e Padre Dom, que apesar de estarem em ótimo andamento ainda levam dias a concluir; além disso ainda se espera obter por estes dias uma bôa quantidade de armamento, o que nos auxiliará imenso na acção que os nossos elementos daqui esperam desempenhar. E' dando toda a disciplina, seriedade e uniformidade que o meu amigo tambem deseja, que eu vejo que se torna absolutamente indispensavel este pequeno compasso de espera para a completa e definitiva preparação. E' preciso que eu diga ao meu amigo que ando vigiadissimo tanto aqui em Hes, como em Fr. e sei que aí tambem ha suspeitas da minha entrada; mas isto de fórma alguma evitará a minha entrada dois ou tres dias antes do inicio do movimento e que só será feita depois de lá estar tudo preparado, antes de doze. O meu amigo fará desde já estudar as condições da minha permanencia aí e em Lx, assim como as da minha entrada, comunicando-me para aqui os indispensaveis pormenores. O L. já tem algumas ideias sobre a entrada, as quaes o meu amigo assentará definitivamente com ele. Recebi todo o dinheiro menos 150.000 (cento e cincoenta mil reis) com que o L. ficou, segundo disse para as despezas, declarando-me que eu os receberei á entrada, o que espero. Terminando, insisto novamente em que póde o meu amigo e todos contarem com a minha decidida bôa-vontade e grande entusiasmo em tudo que o meu insignificante nome e apoucado prestimo possa ser util. Um grande abraço e até muito bréve.

Antonio Fragoso

Esta carta foi recebida entre 3 e 4 de Outubro. O Jaime ficou como uma tumba. Com esta é que ele não contava. E pensou nos seus *galões*, no seu futuro, no seu rico trabalhinho, nas partidas do Jacinto e do Correia da Silva (C. da S.) em todas essas contrariedades que via surgir sob os seus pés. Desde logo atribuia a *prudencia* de Azevedo Coutinho ás gentes do sr. D. Miguel e entre desalentado e enraivecido fez expedir para Lisboa ao Constancio Roque da Costa e